

**ESSE NEGÓCIO DE LIVROS**  
**EPISÓDIO 07 – MERCADO DAS ADAPTAÇÕES**

**01:00:17:05**

**VINHETA DE ABERTURA**

Numa combinação muito grande entre livro e filme.  
Estar sempre lendo pensando “Poxa, isso aqui dava um filme!”  
Adaptação, apropriação, é isso.  
ESSE NEGÓCIO DE LIVRO

Episódio – MERCADO DAS ADAPTAÇÕES

**01:01:08:24**

**PAULO ROCCO – Editor Rocco**

Hoje em Hollywood está se usando menos o roteiro original e muito mais adaptação de livros para virarem filmes. Um livro que faz sucesso, ele muitas vezes, quer dizer, dependendo do tema, do assunto, vai virar um filme. E quando vira um filme, ele ajuda a venda do livro. Quer dizer, eles são parceiros. O livro e o filme são parceiros.

**01:01:41:05**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

Assim como nós temos hoje na companhia um departamento organizado de venda de direitos estrangeiros, nós também atuamos na intermediação de vendas de direitos para audiovisual. Nós estamos, enfim, em contato com produtores, diretores, e eventualmente ideias surgem. Nós já intermediamos, participamos, enfim, um pouco da concepção, da ideia de grandes projetos, de vendas de livros de não ficção para cinema que ajudaram, em alguma medida, a viabilizar, inclusive, a produção dos livros.

**01:02:18:16**

**SILVIA GANDELMAN – Advogada**

Eu tenho uma cliente, que é a Flávia Lins e Silva, que é autora de livros infantis. Ao mesmo tempo ela é roteirista do Globo, e faz um programa muito conhecido chamado “Detetives do prédio azul”, que ela é roteirista. O “Detetives do prédio azul” por conta da popularidade que ele obteve entre as crianças, ela pegou depois os personagens do roteiro e criou o livro, que é o “Detetives do prédio azul – livro”, e depois, esses mesmos detetives viraram um filme, e vai ser lançado o musical. Então a mesma autora é autora dos roteiros de televisão, é autora do livro, é autora do roteiro do filme, e é autora da peça de teatro. Então é uma coisa alimentando a outra. Quer dizer, não necessariamente o livro vira roteiro. Pode ser ao contrário.

Por exemplo, “Dona Flor”. “Dona Flor” já foi mini série, já foi filme, tem teatro. Como é que você vai remunerar, por exemplo, um “Dona Flor” em teatro? “Dona Flor” em teatro paga direito autoral sobre o valor da bilheteria. Como é que você vai remunerar “Dona Flor” em cinema? “Dona Flor” em cinema recebe direito autoral pela autorização para utilizar a obra em cinema. E continua tendo a obra literária que paga direito autoral pela venda de livros.

**01:04:01:09**

**VIDEOGRAFISMO**

Interesse por adaptação

**01:04:14:15**

**ANDRÉ CONTI – Editor Todavia**

Então assim, a coisa da adaptação, ela vai muito por dois caminhos: um, às vezes você tem um artista de outro gênero, cinema, quadrinhos, etc, que é apaixonado ou se apaixona por uma obra, e aí ele batalha par fazer aquilo. Outras vezes, sei lá, você como editor está lendo um livro e fala – Putz, isso aqui é muito quadrinho. Você está pensando num clássico, isso aqui renderia um baita quadrinho para as pessoas redescobrirem esse autor.

**01:04:41:01**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Às vezes vem da sensibilidade da leitura do diretor que nos procura, do produtor que nos procura ou, sabe? E ele vê ali, ele lê aquilo de outra maneira.

**01:05:05:11**

**JOÃO PAULO CUENCA – Escritor e roteirista**

Eu acredito que a atividade cinematográfica é mais prazerosa. Você está acompanhado. Você está lidando com a interlocução dos seus produtores, dos atores, dos seu diretor de fotografia. Você acorda de manhã e vai para um set e tem gente. E você troca com as pessoas na rua, as coisas acontecem. A literatura não. Acho que escrever um romance é um processo demorado, solitário. Você fica anos sem troca. Não sai mostrando manuscrito paras as pessoas no início. Então, hoje em dia não tenho dúvida. Eu quero continuar fazendo as duas coisas, mas o que, o cinema é uma atividade muito mais acompanhada.

**01:05:52:00**

**JOSÉ ROBERTO TORERO – Escritor e roteirista**

Bom eu já adaptei livros para roteiros, livros meus já foram adaptados para TV. Eu já adaptei livro meu e livro de outro. Quando eu adapto livros de terceiros é muito mais fácil, não dói. Quando eu adaptei livro meu, foi mais dolorido, porque o romance geralmente é muito maior do que um filme. Um romance de 250 páginas, no caso de “Terra Papagalli”, dá um filme de umas seis horas, se você fosse fazer. Então você tem que cortar muito. “Os Vermes”, um romance meu que eu também roteirizei, foi uma judiação. Dói n alma, porque você corta mesmo a carne. Tira os braços e as pernas dele, deixa só ali a parte que interessa. Claro que ele ganha outras coisas também, ganha imagens. Não é assim uma coisa tão tétrica.

**01:06:42:17**

**MILTON HATOUM - Escritor**

Quando eu escrevi o “Dois irmãos”, mesmo antes, quando eu escrevi o primeiro romance, eu nunca pensei em adaptação. “Dois irmãos” foi adaptado para TV, para o teatro, para quadrinhos também.

**01:06:56:16**

**VIDEOGRAFISMO**

Quadrinhos

**01:07:03:02**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

A Companhia das Letras procura sempre propor a quadrinistas a adaptação desde livros clássicos, até ficção brasileira contemporânea, ou mesmo livros estrangeiros do catálogo.

**01:07:21:13**

Porque que é legal fazer o “Dois irmãos”? Você pega um monte de leitor do Milton, que às vezes não são leitores de quadrinhos, você leva pro quadrinho. E o mesmo com o leitor de quadrinhos, que às vezes não é um leitor de romance mas pode ficar apaixonado por aquela obra e ir para o “Dois irmãos”, “Relato de um certo oriente”, “Órfãos eldorado”. Então a adaptação em quadrinhos ela é um caminho de duas mãos assim pra isso. Conheço bem as coisas que o Gabriel e o Flávio escrevem, e sabia que era um universo ficcional que ia mexer com eles. Assim, é o tipo de narrativa que eu sei que eles gostam. Uma estória que passa por uma história grande, vamos dizer, a história do Brasil, mas que ao mesmo tempo tem uma coisa familiar, uma rixa e uma trama familiar. Eu sabia que como leitores eles iam gostar do livro.

**01:08:11:23**

**MILTON HATOUM - Escritor**

Eu estava com eles numa reunião, num jantar, e o André perguntou: “Bom, já que vocês estão juntos, vocês não gostariam de adaptar o romance, o “Dois irmãos” pra quadrinhos?”. E foi assim, um pouco assim. Coisa de editor também, né?

**01:08:30:03**

**ANDRÉ CONTI – Editor Todavia**

E eu sabia que para eles toparem parar tanto tempo da vida deles, e é óbvio que eles não pararam, mas dedicarem tanto tempo da vida deles a um projeto, precisava ser uma coisa especial.

**01:08:45:28**

**ANDRÉ CONTI – Editor Todavia**

Eles ficaram loucos com o livro. Cada vez que eles foram entrando mais a fundo, começando a destrinchar o livro num roteiro, storieboard e etc, foram se envolvendo mais e mais com a estória, e a versão em quadrinhos foi ficando melhor, e melhor, e melhor com isso.

**01:09:04:09**

**MILTON HATOUM - Escritor**

Eu não ia falar para os irmãos Fábio e Gabriel, como fazer a adaptação. Eles são autores premiados. Eles são considerados alguns dos melhores do mundo em quadrinhos. E aí foram três ou quatro anos de trabalho. Trabalho concentrado na adaptação.

**01:09:33:09**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

É “Dois irmãos”, os quadrinistas fizeram uma belíssima adaptação, que teve muito sucesso de público inclusive. Ele vendeu muito bem. A versão em quadrinhos vendeu muito bem.

**01:09:42:13**

**VIDEOGRAFISMO**

Estímulo a venda

**01:09:48:12**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

E outro caso, que nem é um livro brasileiro, mas é uma ideia que nasceu aqui, e tem tido bastante sucesso, inclusive em vendas estrangeiras, é uma adaptação que um quadrinista brasileiro pra Geroge Orwell. Nós convidamos o Odir para adaptar o “Revolução dos bichos” em quadrinhos. Ele já começou a desenvolver o projeto, e nós tivemos a excelente notícia de ter vendido essa versão adaptada para Espanha, para a Inglaterra, para a Itália. É um caso muito bem sucedido de uma ideia de adaptação, que surgiu aqui no Brasil, na Companhia, e vai para fora.

**01:09:48:12**

**JOSÉ ROBERTO TORERO – Escritor e roteirista**

No meu caso eu nunca vi mudança grave assim na venda de livros por conta de uma adaptação para TV ou para cinema. E eu acho que isso acontece porque, pra dar certo isso, pra ser realmente uma coisa que faz diferença, tem que estar no título. Tem que ser um sucesso na TV ou no cinema, claro, e tem que estar explícito que é uma adaptação. Eu lembro por exemplo que eu conversei com o Roberto Drummond, que teve um livro dele adaptado, virou uma mini série da Globo e tal, e ele falou que foi sensacional. Vendeu muito mais que o livro tinha vendido antes e tal. Fez o livro virar um sucesso mesmo. Ele passou a ser chamado para apresentar baile de debutantes, ele virou um pop star. Mas aí nome do livro era o mesmo da série.

**01:11:31:24**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

A “Casa das sete mulheres” foi um história linda. Eu estava com o manuscrito do livro, li, aí falei: “Letícia, cara, isso aqui é muito bom. Isso aqui dava, dava um filme, uma mini série, uma coisa assim.” Quer dizer, tinha que ser uma mini série, porque um filme não ia dar conta, a estória é muito longa. Teve um impacto que foi muito além de, assim, ajudar na carreira da Letícia como escritora, de ajudá-la a vender bem o livro no Brasil e no exterior. Teve um impacto imenso no próprio Rio Grande do Sul. Teve impacto no turismo da região. Teve impacto, sabe assim, e virou um, assim, “A casa da sete mulheres” todo mundo cita isso, todo mundo sabe o quê que é. A mini série foi para, agora não estou com o número direito na cabeça. Não sei, 40 países, uma coisa assim. 40 com certeza. Daí pra mais.

**01:11:31:24**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

Há desde casos de livros estrangeiros, como “Reparação”, do Ian McEwan, que passou a vender muito bem depois do filme. Como casos nacionais, o “Dois irmãos”, do Milton Hatoum, adaptado para TV, uma mini série na Globo, que também teve um aumento expressivo de vendas depois da mini série, ou durante a mini serie.

**01:12:59:19**

**MILTON HATOUM - Escritor**

Eu ganhei vários leitores nessa adaptação. “Dois Irmãos” é o meu livro mais conhecido, de longe. Mas eu, vamos dizer, com milhões de telespectadores, você acaba atraindo um público fora, vamos dizer desse, do público universitário público, vamos dizer, acadêmico. Pessoas que não teriam lido o romance se não tivesse visto a mini série.

**01:13:39:07**

## **VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO**

**01:13:53:28**

## **VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR**

**01:13:58:13**

### **VIDEOGRAFISMO**

Adaptação Audiovisual

**01:14:04:04**

### **LÚCIA RIFF – Agente literária**

Hoje em dia o mercado de cinema, cinema, filme para TV, os Netflix da vida, aquelas série mais curtas também, de uma semana, duas semanas e tal, ele se esgota, você não está pensando na outra temporada, você faz aquilo ali e pronto, está muito ativo.

**01:14:24:10**

### **MARIA CAMARGO - Roteirista**

Porque escolhi o “Dois Irmãos”, né? Uma parte disso é racional. É um lado de pensar – “Bom, essa estória aqui tem os elementos muito bons pra dramaturgia. Tem personagens muito interessantes, muito bem construído, que tem motivações claras pra sedução. É uma estória que tem elementos que se prestam muito para a TV aberta, porque tem muita ação. Em “Dois irmãos” acontecem muitas coisas, você tem inimizades muito fortes. A briga entre os gêmeos é muito forte, é um antagonismo muito claro. Isso para a TV aberta ou para o folhetim, são coisa que funcionam muito desde que o mundo é mundo.

**01:15:07:19**

### **MILTON HATOUM – Escritor**

Porque também tem isso, a linguagem audiovisual, ela tem suas convenções, que só ela tem.

**01:15:17:13**

### **MARIA CAMARGO – Roteirista**

Entre eu ler o livro e imaginar que ele poderia ser uma mini série, e a mini série eu ter escrito o último tratamento, eu li a primeira vez em 2002, esse último tratamento foi em 2014. E tudo isso foi trabalho, porque antes de eu ter escrito uma linha, eu estava trabalhando, eu estava tomando notas, sublinhando. Voltei a trabalhar no roteiro propriamente dito em 2010, já pro Luiz Fernando, já com a ideia de fazer uma mini série para a Globo. Na época ia ser em oito episódios.

**01:15:51:23**

### **MILTON HATOUM – Escritor**

Mas é um romance relativamente extenso, quer dizer, tem quase trezentas páginas. Luiz Fernando me disse que seria impossível fazer um filme de duas horas. Um longa-metragem convencional. Então ele optou pela série, e até estendeu de 8 a 10 capítulos.

**01:16:16:16**

### **MARIA CAMARGO – Roteirista**

Eu destrinchei esse livro inteiro. Desossei ele. Primeiro eu fiz uma ficha, coloquei o livro todo em ordem cronológica, por exemplo. Fiz ficha para cada cena que era mencionada, mesmo que fosse meia linha. Uma coisa assim: “Domingas disse um dia, qualquer coisa”. Então aquele “Domingas disse” virava uma

ficha pra mim mesmo que não tivesse nada mais explicado sobre o que que era, onde tinha acontecido, e que dia que foi aquilo e porquê. Pra tentar entender qual era a estrutura temporal, assim, qual era o princípio, meio e fim, se eu fosse contar com começo, meio e fim, nesta ordem. Eu sabia que eu não ia contar nessa ordem. Eu sabia que a adaptação ia preservar uma coisa do livro de ser não linear. Se eu fosse fazer uma coisa linear, eu estaria contradizendo uma essência do livro, e, isso eu não podia fazer. Eu podia mudar tudo, virar várias coisas, trair o livro em várias coisas, mas eu não podia trair, é clichê dizer isso, mas é verdade, o que eu considerava a essência.

**01:17:34:09**

**MILTON HATOUM – Escritor**

Eu conversei com a Maria, bom, com a Maria desde 2003, salvo engano. Conversei muito com Luiz Fernando, fui dar uma palestra na Globo, lá no PROJAC sobre o romance.

**01:17:49:01**

**MARIA CAMARGO – Roteirista**

Isso foi muito bom. Eu poderia não ter tido essa sorte, e tive. A sorte de ter o Milton como um aliado sempre, nunca como uma pessoa que estava ali pra criticar ou pra fazer observações, ou pra exigir que eu fizesse assim ou assado. Ele sempre foi ao contrário, o cara mais generoso, que chegava a dizer até que se eu quisesse que não fossem gêmeos os meninos, não precisavam ser gêmeos. Então você imagina, né? Era eu dizendo “Não Milton, não. Isso aí não!”

**01:18:15:28**

**MILTON HATOUM – Escritor**

Eu acho que é um trabalho tão também específico, porque eu teria também ciúme ou teria, vamos dizer, nem tenho competência pra pegar um roteiro e ficar... então eu acho que você, os franceses que dizem, tem um ditado que dizem. Bom, é preciso confiar nos tradutores.

**01:18:40:10**

**ANDRÉ CONTI – Editor Todavia**

O romance fonte e o filme adaptado, um mata o outro, sabe? Eles são entidades muito distintas, assim.

**01:18:56:11**

**JOSÉ ROBERTO TORERO – Escritor e roteirista**

Acho que você tem que esquecer que está adaptando. É uma estória nova que você está fazendo. Não pode ficar lamentando, e nem sendo fiel demais ao livro. O importante é você ser fiel ao seu filme, na próxima coisa que vem. E aí você tem que usar só o que interessa, reinventar, e juntar personagens. Você não pode ter dó disso não. Não pode se prender, não pode se apegar muito ao livro. Se não o filme acaba, tem muita chance de ficar ruim. No “Memórias póstumas”, mais que tudo eu fiz diálogos. Mexi em algumas cenas e tal, mas eu fiz mais diálogos, porque o livro tem poucos diálogos. E o cinema é basicamente diálogos. Então cem minutos de diálogos não vai ter, no “Memórias póstumas” esse tanto. Então eu tive que fazer muitos “offs” do narrador também, do Brás Cubas, e aí a graça era achar o tom do Machado. Tentar imitar o Machado de um jeito que ficasse parecido, que não ficasse igual ao Machado, porque nem casa o tom do narrador, com Machado com o filme, mas que ficasse próximo, que tivesse um ar assim de Machado. E aí foi bem divertido porque fui trabalhar em dupla com Machado, praticamente. Om a vantagem que ele não podia reclamar do que eu fizesse. Então isso é ótimo. Trabalhar com autor morto é muito vantajoso. Eu não lembro quanto tempo levei, mas adaptar o “Memórias” fica sendo o projeto da vida, você se dedica totalmente, você nem liga pra tempo e tal, salário. Você faz ali por gosto. É o meu livro favorito, então foi uma sorte!

**01:20:55:18**

**MARIA CAMARGO – Roteirista**

Li o livro, hoje, 27 vezes. Acabei de ler há poucos dias de novo. Algumas dessas vezes, claro, foram motivadas por uma necessidade profissional, porque eu tinha que esclarecer pra mim mesmo algumas coisas, e tomar decisões na hora de adaptar o texto e tal, e é isso, de ir me apropriando do texto, do Milton, e conseguir transformar ele em outra coisa. Outras vezes foi porque realmente eu começava a ler pra buscar uma coisa específica, e quando eu via eu estava lendo tudo de novo, porque eu me emocionava de novo. Então acho que são todas leituras diferentes assim.

**01:21:34:11**

**MILTON HATOUM – Escritor**

São artistas que se apaixonaram pelo romance. Eu acho que isso é fundamental para qualquer tipo de adaptação. Se você hesitar, ou não tiver uma relação muito, muito profunda com o livro, com o romance, é melhor não adaptar. Você tem que de fato se envolver com essa linguagem literária. Aí depois você vai fazer a sua.

**01:22:07:06**

**ANDRÉ CONTI – Editor Todavia**

Eu gosto muito também quando acontece de ser uma obra que o artista se apaixonou e ele vai lá e samba em cima. Então, um monte de adaptação de clássico se passa nos dias de hoje pra cinema. Ou as próprias adaptações de romance, que às vezes você fala: “Pô, é totalmente diferente do livro.” Mas é melhor! Sei lá, eu amo “Laranja mecânica”, do Kubrick. Livro e filme são muito diferentes, inclusive o Burgess odiava o Kubrick, falou mal dele até morrer.

**01:22:39:22**

**JOÃO PAULO CUENCA – Escritor e roteirista**

O “Descobri que estava morto” o filme é complementar ao livro porque eles não contam a mesma coisa. Eles falam da mesma estória, mas iluminam diferentes aspectos da estória. E muitas vezes, eles oferecem pistas contraditórias, assim, eu quis criar um sistema de lógica em imperfeita, onde você vê o filme, lê o livro e entende menos, e vice e versa. Existem pontos de contato, pontos de abertura e de confusão. Porque talvez a estória seja mesmo irresoluta e não tenha uma conclusão.

**01:23:17:16**

**MILTON HATOUM – Escritor**

O telespectador ele precisa esquecer um pouco o livro. Só um pouco pelo menos. Pra se entregar a outra linguagem.

**01:23:38:20**

**ANDRÉ CONTI – Editor Todavia**

Cultura você pega uma coisa de um, vai mexendo, e coloca, e a coisa ganha sentido novo ali no seu tempo. Eu adoro adaptação.

**CRÉDITOS FINAIS**